Vivência Policial Dentro do Cárcere

JOSE DHONNE SOUSA DE OLIVEIRA

Vivência Policial dentro do Cárcere

Histórias de um policial penal em uma penitenciária estadual no Pará

Narrativa em dez capítulos sobre rotina, tensão e humanidade dentro de uma penitenciária estadual no Pará.

Sumário

1. Capítulo 1 - O primeiro dia atrás do muro

2. Capítulo 2 - O som das chaves

3. Capítulo 3 - A rotina que ninguém vê

4. Capítulo 4 - O preso que só queria falar da filha

5. Capítulo 5 - O motim que começa pequeno

6. Capítulo 6 - O plantão da madrugada

7. Capítulo 7 - Quando o cárcere entra em casa

8. Capítulo 8 - A humanidade escondida nas pequenas coisas

9. Capítulo 9 - O peso psicológico da função

10. Capítulo 10 - O último olhar antes da troca de turno

Capítulo 1 - O primeiro dia atrás do muro

O primeiro dia no cárcere não se esquece. Ele não marca apenas o início de uma função. Marca uma divisão entre o mundo de fora e o mundo de dentro. Antes de cruzar aquele portão, eu ainda carregava uma ideia aproximada do que seria o trabalho. Depois dele, percebi que nenhuma teoria era suficiente para explicar a realidade que me esperava.

O barulho do portão de ferro fechando atrás de mim foi seco. Não havia dramatização. Havia apenas o som duro da rotina que começava. O corredor parecia mais estreito do que nas imagens que eu tinha na cabeça. O cheiro da estrutura, o eco das vozes, a rigidez do ambiente e os passos firmes dos mais antigos mostravam logo de início que ali não havia espaço para hesitação.

Nos primeiros momentos, tudo parecia observado. Não apenas

pelos internos, mas pela própria lógica do lugar. O novo servidor entra testado. Testado pelo silêncio, pelo olhar dos colegas, pelo ritmo dos procedimentos e pela expectativa de não cometer erros. Em uma unidade prisional, errar não é um detalhe. Erro pode virar crise.

Naquele dia, aprendi que o cárcere não perdoa ingenuidade. Quem entra ali precisa compreender rápido que o trabalho não é sobre força bruta, e sim sobre atenção permanente. É sobre ler movimentos pequenos, perceber alterações de comportamento e entender que, muitas vezes, o que não é dito é justamente o mais importante.

Saí da minha primeira jornada com uma certeza incômoda: eu não tinha mais a mesma visão sobre o que era segurança pública. E talvez isso fosse o começo do aprendizado real.

Capítulo 2 - O som das chaves

Há sons que se tornam parte do corpo. O som das chaves é um deles. Fora do cárcere, são apenas ferramentas. Dentro dele, são linguagem, autoridade e alerta.

O feixe metálico preso ao cinto acompanha cada deslocamento. Quando ele se move, o corredor inteiro parece reagir. O barulho de uma chave na fechadura anuncia abertura, encerramento, controle e limite. Ele diz ao interno que alguém está entrando. Diz ao servidor que a rotina vai mudar. Diz a todos que a ordem está em movimento.

Com o tempo, o policial penal aprende a escutar esse som de forma diferente. Ele deixa de ser um simples ruído e passa a funcionar como uma espécie de termômetro. Há dias em que o silêncio das chaves parece mais pesado. Há horas em que cada travamento soa como uma medida de contenção, quase uma barreira simbólica contra o que está prestes a acontecer.

Também existe algo de psicológico nesse som. As chaves lembram o poder que a função carrega, mas também o custo de tê-lo nas mãos. Quem abre e fecha o cárcere não controla apenas portas. Controla fluxos, deslocamentos, acesso e risco. Por isso, o som das chaves não termina no metal. Ele ecoa na responsabilidade.

Capítulo 3 - A rotina que ninguém vê

De fora, muita gente imagina que trabalhar em uma penitenciária é passar o dia observando celas. A realidade é muito mais complexa e cansativa. A rotina começa antes mesmo de o corpo entender que está em serviço.

Há conferência de presença, passagem de orientação, controle de acesso, revista, inspeção de pátios, acompanhamento de deslocamentos, verificação de cela, comunicação com a equipe e vigilância constante. Cada etapa exige concentração. Cada detalhe importa. Um objeto fora do lugar, uma conversa interrompida, um silêncio súbito, uma movimentação fora do horário podem ser sinais de algo maior.

No cárcere, o normal é sempre provisório. O servidor aprende rápido que a aparente calma pode ser apenas uma pausa antes de um problema. É por isso que a atenção nunca pode repousar por completo. O trabalho cobra presença mental o tempo todo.

Além da vigilância, há também a dimensão humana do serviço. O policial penal não lida só com procedimentos. Ele lida com frustrações, ansiedade, conflito, hostilidade e, às vezes, com o cansaço emocional de perceber que a estrutura prisional está longe de resolver, sozinha, tudo o que a sociedade produz do lado de fora.

A rotina se repete, mas não se esgota. Ela forma o servidor e, ao mesmo tempo, o desgasta. O cansaço do cárcere não vem apenas da carga horária. Vem da necessidade de permanecer inteiro em um ambiente que insiste em testar a integridade todos os dias.

Capítulo 4 - O preso que só queria falar da filha

Nem todo interno se anuncia por ameaça. Alguns aparecem pela tristeza. Um dia, durante uma ronda, vi um homem sentado no chão, as mãos cobrindo o rosto, o corpo imóvel de um jeito que não parecia rebeldia, mas esgotamento.

A primeira reação de quem trabalha no sistema é sempre avaliar risco. A experiência ensina a não ser ingênuo. Mas naquela cena havia algo diferente. Quando nos aproximamos, ele não levantou a voz. Não tentou negociar. Não pediu privilégio. Pediu apenas um papel e alguns minutos para escrever para a filha.

Ele queria saber se a menina ainda lembrava da voz dele. Queria mandar um recado simples, quase infantil, de tão humano. Queria deixar registrado que ainda pensava nela. Aquela demanda, tão pequena em aparência, tinha o peso de um mundo inteiro. Foi naquele momento que o cárcere mostrou uma de suas faces mais cruéis: ele não pune apenas o corpo. Ele fragmenta vínculos.

Não há romantização possível nessa cena. O homem estava preso por um motivo, cumpria pena, e a pena precisava existir. Mas isso não apaga o fato de que a prisão atinge também os laços afetivos. A filha não estava ali, mas sofria o vazio do pai. E o pai, mesmo dentro da unidade, permanecia pai.

Naquele dia, compreendi que, atrás da imagem dura do interno, existe quase sempre uma história anterior ao delito. E que o olhar do servidor, para ser justo, precisa saber reconhecer a humanidade sem perder a firmeza.

Capítulo 5 - O motim que começa pequeno

Crises no cárcere raramente surgem do nada. Muitas começam pequenas, quase invisíveis. Um desentendimento entre internos, uma resposta atravessada, uma ordem ignorada, uma provocação mal administrada. O problema, dentro da prisão, é que pequenos atritos podem crescer com rapidez assustadora.

Já vi tensão se formar em poucos minutos. Um grupo se fecha.

Outro começa a observar. O tom das vozes muda. O rádio passa a parecer insuficiente. E então a equipe percebe que há algo no ar. É nesse ponto que o trabalho do policial penal deixa de ser apenas operacional e vira leitura de ambiente.

A disciplina não se sustenta apenas com força. Ela depende de prevenção, presença e timing. Chegar cedo ao problema é melhor do que lidar com sua explosão. Muitas vezes, a contenção mais importante é feita antes da violência. Um comando firme. Uma separação rápida. Uma conversa curta com a equipe. Um deslocamento antecipado. Tudo isso pode evitar que a unidade mergulhe em uma crise maior.

Dentro da penitenciária, o caos não costuma pedir licença. Ele se aproxima sem barulho, e o servidor experiente sabe que o primeiro erro é achar que ainda há tempo demais.

É por isso que o policial penal vive em estado de leitura permanente. Ele observa os gestos mais simples como quem tenta impedir que o pequeno se transforme em irreversível.

Capítulo 6 - O plantão da madrugada

A madrugada dentro da prisão tem uma densidade própria. O silêncio parece mais espesso, mas não é paz. É expectativa. O rádio, o passo no corredor, o barulho de um cadeado, tudo ganha uma importância desproporcional. O corpo pede descanso, mas a função não permite relaxamento.

No turno noturno, a unidade revela uma outra textura. O ambiente escurece, os sons se ampliam e a mente do servidor fica mais sensível a qualquer alteração. Quem está de plantão aprende a identificar aquilo que foge da rotina. Um preso que não dorme. Um grupo que conversa baixo demais. Um movimento repetido em horário inadequado. Tudo precisa ser percebido.

A madrugada também expõe o lado físico do trabalho. O cansaço pesa nos ombros, na visão, nas pernas, na atenção. Há um momento em que o corpo pede pausa, mas a responsabilidade não muda. E aí o servidor entende que a disciplina, no cárcere, é também uma forma de resistência pessoal.

Muitos imaginam que a noite é mais tranquila. Não é. Ela apenas reorganiza o perigo. O cárcere não dorme. Ele apenas desacelera o ruído para se tornar mais difícil de ler.

Foi em um desses plantões longos que aprendi que a madrugada não é só tempo. É teste. Teste de vigília, de foco e de autocontrole.

Capítulo 7 - Quando o cárcere entra em casa

Pouca gente fala sobre o que acontece depois do uniforme. Quando o plantão termina, o corpo retorna para casa, mas a mente nem sempre acompanha no mesmo ritmo. Há servidores que continuam ouvindo o rádio mesmo em silêncio. Há outros que carregam a tensão na postura, no sono leve, na irritação

curta, na dificuldade de se desligar.

O policial penal aprende a conviver com uma espécie de dupla presença. Ele está na casa, mas ainda em alerta. Está com a família, mas parte da atenção continua presa ao serviço. Às vezes, isso aparece em detalhes pequenos. Um susto com um barulho mais alto. Uma resposta mais seca do que o normal. Uma dificuldade de relaxar mesmo em momentos de descanso.

A família percebe. Os filhos percebem. O parceiro percebe. E nem sempre sabem traduzir o que está acontecendo. Porque o cárcere não se explica com facilidade para quem não o vive por dentro.

Carregar esse peso em casa é uma das partes mais difíceis da função. Não basta sair do portão. É preciso reaprender a habitar o próprio espaço sem a sensação de que a vigilância continua. Mas isso nem sempre é possível sem custo.

Por isso, talvez, a profissão cobre tanto da saúde emocional. Ela obriga o servidor a sustentar uma dureza no trabalho e, ao mesmo tempo, a tentar não deixar que essa dureza corroa suas relações fora dele.

Capítulo 8 - A humanidade escondida nas pequenas coisas

Mesmo em um ambiente duro, a humanidade insiste em aparecer. Às vezes, ela surge em um gesto simples. Um colega

que percebe o cansaço do outro. Uma conversa curta no intervalo. Um copo de água oferecido no momento certo. Uma palavra mais calma em meio à tensão.

No cárcere, esses gestos pequenos têm um valor enorme. Porque o ambiente tende a endurecer tudo. O servidor corre o risco de se tornar excessivamente mecânico, e o interno pode se acostumar a ser tratado apenas como número, processo ou problema. Quando isso acontece, a prisão deixa de ser apenas um espaço de custódia e passa a devorar a sensibilidade de todos.

É justamente por isso que a humanidade precisa ser mantida com esforço. Não se trata de fraqueza. Trata-se de preservar algum resto de dignidade num lugar em que a dureza é regra. O policial penal que aprende a agir com firmeza sem perder o respeito entende algo essencial: autoridade não precisa ser crueldade.

Vi internos reagirem melhor a uma ordem dita com clareza do que a gritos sem sentido. Vi colegas se salvarem emocionalmente por conta de uma parceria silenciosa. Vi a força de uma postura equilibrada ser mais eficaz que qualquer demonstração vazia de superioridade.

No cárcere, o que é humano não é ornamentação. É necessidade.

Capítulo 9 - O peso psicológico da função

O trabalho no sistema prisional cobra no corpo, mas também

cobra na mente. O desgaste psicológico nem sempre chega de forma evidente. Às vezes, ele se instala devagar, como um acúmulo invisível de cansaço, irritação, lembranças e sobrecarga.

O servidor começa a perceber mudanças. Dorme menos, pensa demais, se irrita com facilidade, carrega cenas que preferia esquecer. Em alguns momentos, sente que a cabeça continua presa à unidade mesmo depois de ter saído dela. Isso não acontece por fraqueza. Acontece porque o ambiente impõe uma pressão constante.

Poucas profissões exigem tanto controle emocional em um cenário tão hostil. O policial penal precisa manter a calma quando o ambiente quer desorganizá-lo. Precisa decidir rápido sem agir por impulso. Precisa se impor sem ultrapassar limites. Precisa suportar a tensão sem que ela se torne uma segunda pele.

Mas ninguém aguenta isso sozinho por tempo indefinido. A saúde mental do servidor precisa ser levada a sério. Precisa de apoio, escuta, reconhecimento e estrutura. Porque, se o cárcere adoece internamente quem vive nele diariamente, a instituição também falha quando trata isso como fraqueza individual.

Aprendi que permanecer forte não significa não sentir. Significa perceber o peso e ainda assim buscar forma de seguir, sem negar o que o trabalho faz com você.

Capítulo 10 - O último olhar antes da troca de turno

O fim do plantão não encerra tudo. Há sempre algo que fica suspenso no ar. Um último olhar no corredor. Uma última conferência. Um último rádio. Uma última revisão da rotina antes de entregar a unidade ao próximo turno.

Esse momento tem algo de alívio e de vigilância ao mesmo tempo. Alívio porque o corpo vai descansar. Vigilância porque o ambiente nunca permite completo relaxamento. O cárcere ensina que nenhuma troca de turno é mera formalidade. Ela é passagem de responsabilidade.

Quando deixo a unidade, levo comigo mais do que o uniforme retirado. Levo o som das grades, a imagem dos corredores, a expressão de alguns internos, o cansaço dos colegas e a sensação de que o trabalho nunca termina de verdade dentro da cabeça de quem o vive.

Mas também levo outra coisa: a consciência de que esse trabalho, apesar de duro, importa. Importa porque mantém a ordem. Importa porque protege vidas. Importa porque impede que o caos avance. E importa porque, mesmo em um lugar feito de restrições, ainda é possível sustentar disciplina sem perder completamente a humanidade.

O último olhar antes da troca de turno é sempre uma espécie de oração silenciosa: que a noite passe sem crise, que o dia comece sem violência, que cada um faça sua parte e que, ao fim de tudo, alguém consiga sair dali inteiro.

Conclusão

Este e-book não pretende ser um relato de espetáculo. Pretende ser um registro. Um testemunho daquilo que muitos veem de longe, mas poucos conhecem por dentro. Porque atrás de cada portão existem histórias que não aparecem nas notícias. E atrás de cada servidor existe alguém tentando permanecer inteiro, todos os dias, diante de um sistema que o desafia a todo instante.